

Pensamento, proposição e mundo: notas de um rascunho sobre o *Tratado Lógico-Filosófico*

Osvaldino Marra Rodrigues*

RESUMO: a linguagem passa a ser o ponto de inflexão na perspectiva elaborada por Wittgenstein, e é por meio da fronteira traçada pela linguagem que o pensamento deve se ater. Portanto o presente artigo tem como objetivo mostrar a teoria de Wittgenstein no *Tractatus*, mais especificamente, o significado dos termos como pensamento, proposição e mundo.

Palavras-chave: Wittgenstein, mundo, proposição, *Tractatus*, sentido.

ABSTRACT: language becomes the turning point in the perspective elaborated by Wittgenstein, and it is through the border drawn by the language that thought should stick. So this article aims to show the theory of Wittgenstein in the *Tractatus*, more specifically, the meaning of thinking, proposition and world.

Key words: Wittgenstein, world, proposition, *Tractatus* sense

I - INTRODUÇÃO¹

Único livro publicado em vida por Ludwig Wittgenstein, o *Tratado Lógico-Filosófico*² foi publicado na Alemanha em 1921 com o título *Logisch-Philosophische Abhandlung*, e na Inglaterra em 1922, com o título em latim sugerido por G. E. Moore, *Tractatus Logico-Philosophicus*. A obra tem como fio condutor a ideia de que os problemas em filosofia repousam “numa má compreensão da lógica da nossa linguagem” (27). Pressuposto compartilhado com Frege, para quem “uma grande parte do trabalho de um filósofo consiste – ou pelo menos deveria consistir – em uma luta contra a linguagem. Mas talvez somente poucas pessoas estejam conscientes da

* Mestrando em filosofia pela UFPI, email de contato

¹ Ao são paulino, e professor, Gerson Albuquerque de Araújo Neto (UFPI), para quem sustentei, em maio, a proposição “O Sport Club Internacional irá desclassificar o São Paulo Futebol Clube da Copa Libertadores da América, em 2010”, um vitorioso abraço colorado.

² Doravante TLP. As citações seguem à numeração dada por Wittgenstein aos aforismas, excetuando o *Prólogo*. A tradução portuguesa é a de Manuel António dos Santos Lourenço, falecido dia 1 de agosto de 2009, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Exceções em relação à tradução utilizada serão apontadas.

necessidade disso” (1977: 269). Portanto, no TLP a lógica da linguagem é ponto crucial da reflexão filosófica desenvolvida por Wittgenstein; é por meio da fronteira traçada pela lógica da linguagem que o pensamento deve se ater, do contrário, tudo aquilo que “jaz para lá da fronteira será simplesmente não-sentido” (28).

No que concerne às influências exercidas sobre o austríaco, ele mesmo reconhece, no *Prólogo* ao TLP, que seus “pensamentos foram em grande parte sugeridos pelas grandes obras de Frege e pelos trabalhos do meu amigo, o senhor Bertrand Russell” (28). Não é gratuita, pois, a afirmação de Wittgenstein pela qual afirma que o “objetivo da Filosofia é a clarificação lógica dos pensamentos”, cujo resultado é o “esclarecimento de proposições” (4.112), dado que a “totalidade das proposições é a linguagem” (4.001), temas defendidos por Frege em *Begriffsschrift*, pelo qual procurou elucidar os fundamentos da linguagem por meio da lógica³, tanto quanto o esforço de Russell contra uma linguagem “metafísica”. Embora a linguagem seja uma afiguração do mundo, deve afigurar possíveis; logo, tudo aquilo que excede o âmbito do possível, deve estar para além da fronteira da linguagem, e exatamente por isto “será simplesmente não-sentido”.

Esses pressupostos conduziram os esforços de Wittgenstein ao TLP, no qual o austríaco defende a hipótese de que a linguagem não espelha o mundo, tal como sustentavam algumas correntes de pensamento, mas projeta mundos possíveis. Além disso, é no âmbito da lógica da linguagem em que os “problemas” devem ser dissolvidos. Por conseguinte, os pressupostos sobre os quais assentavam as teses epistêmicas que sustentavam uma linguagem que pode exprimir o mundo transcendente são colocadas em xeque. É sob essa perspectiva que o autor do TLP é enfático quando afirma que a “concepção moderna do mundo fundamenta-se na ilusão de que as chamadas leis da natureza são a explicação dos fenômenos da natureza” (6.371), antecipando o tema que Richard Rorty desenvolveu posteriormente em *Philosophy and the Mirror of Nature*.

Em outras palavras, poderíamos dizer que não tem sentido falar de uma realidade em si mesma, tampouco o conhecimento desta⁴. “Minha tarefa”, explicita o

³ Objetivo primário de Frege era a fundamentação da Aritmética. Projeto que acabou conduzindo-o para a tese que a Aritmética era redutível à Lógica.

⁴ Esta perspectiva segue os pressupostos da filosofia de Immanuel Kant, que na *Crítica da Razão Pura* defende a tese que não temos acesso às coisas mesmas, distinguindo transcendental e o transcendente.

austríaco, “consiste em explicar a natureza da proposição” (1969: 39). Portanto, o trabalho de Wittgenstein repousa na linguagem, procurando demonstrar pela via da análise lógica da linguagem o que pode ou não ser afirmado acerca do mundo, o que é arbitrário e desprovido de sentido e, ainda, o que excede o que pode ser dito. Nesse prisma, “Tudo o que vemos podia ser diferente do que é. Tudo o que de todos podemos descrever podia ser diferente do que é. Não existe uma ordem a priori das coisas” (5.634), embora defenda um a priori no conhecimento, possível pela proposição com sentido.

II - PENSAMENTO

2.1. Frege

Para a vertente mentalista, pensamento é compreendido enquanto ocorrência psíquica privada substantiva da e na mente individual. Entretanto, esse princípio teórico deságua numa espécie de subjetivismo e, certamente, num psicologismo. Com isto, um problema como a *indução* não poderia ser resolvido, pois o *psicologismo* impediria qualquer objetividade das asserções, reduzindo-as a manifestações subjetivas desprovidas do caráter objetivo, desqualificando a noção do *a priori* e, por conseguinte, um fundamento seguro para o conhecimento. Contra essa perspectiva mentalista, dois nomes em especial se destacaram no cenário de *fin de siècle* europeu, mas cujos reconhecimentos pelos pares ocorreram distintamente: Edmund Husserl e Gottlob Frege, que teve um reconhecimento tardio – e por intermédio das obras de Russell e Wittgenstein.

Frege, numa linhagem teórica que podemos designar *platônica*, defendeu a tese na qual afirma que o “pensamento não pertence nem a meu mundo interior, como uma ideia, nem tampouco ao mundo exterior, ao mundo das coisas sensorialmente perceptíveis” (2002: 35). Com esta hipótese, o filósofo de Wismar tece uma crítica tanto ao psicologismo quanto ao realismo ingênuo – lançando as bases para o que posteriormente Popper denomina “terceiro mundo”⁵ (embora Popper entreveja na

Este inacessível ao conhecimento.

⁵ “A nossa realidade consiste [...] em três mundos ligados entre si e de algum modo interdependentes, e que em parte se interpenetram. [...] Estes três mundos são: o Mundo físico, Mundo 1, dos corpos e dos estados, fenômenos e forças físicas; o Mundo psíquico, Mundo 2, das emoções e dos processos psíquicos inconscientes; e o Mundo 3 dos produtos intelectuais” (Popper, 1988: 22).

filosofia estóica a fonte de sua tese⁶). Para tanto, Frege estabelece uma distinção entre *sentido e referência*. Para Frege, se

[...] a referência de um signo é um objeto sensorialmente perceptível, então minha representação dele é uma imagem originada a partir de recordações de impressões sensoriais que tive e de atividades, tanto internas quanto externas, que exercitei (1998: 88).

Por esse motivo a representação oriunda da referência é sempre subjetiva e distinta do *sentido*, que tem um caráter objetivo – numa linguagem contemporânea diríamos que o *sentido* pertence ao âmbito do intersubjetivo. Logo, adverte Frege, o que torna o mundo exterior acessível para nós é o não-sensível, pois “sem esse algo não-sensível, todos permaneceriam encerrados em seu mundo interior” (2002: 36). A este “não-sensível” Frege denomina *Gedanke*, pensamento. Por meio deste, duas pessoas, mesmo que tenham *sentimentos* distintos quanto a referência, podem ter o mesmo pensamento, uma vez que este pode ser comunicável. Pensamento, pois, é uma figuração lógica dos fatos. Embora com matizes distintos, é o conceito adotado por Wittgenstein no TLP sob o nome “proposição”.

2.2. Pensamento no TLP

Dentre as anotações dos *Tagbücher*, escrito entre 1914 a 1916, uma em especial é elucidativa quanto ao objetivo maior de Wittgenstein:

“O grande problema em torno do qual gira tudo o que escrevo é: Há uma ordem a priori no mundo e, se houver, em que consiste?” (1984: 53).

⁶ “A linguagem humana, como eles [os estóicos] compreenderam, pertence a todos três mundos. Até onde consiste de ações materiais, pertence ao primeiro mundo. Até onde exprime um estado subjetivo ou psicológico, ou até onde apreender ou entender uma linguagem envolve uma modificação em nosso estado subjetivo, pertence ao segundo mundo. E até onde a linguagem contém informação, ou até onde diz, ou exprime, ou descreve qualquer coisa, ou transmite qualquer significado ou qualquer mensagem significativa que possa acarretar outra, ou concordar ou chocar-se com outra, pertence ao terceiro mundo. *As teorias, ou proposições, ou asserções são entidades lingüísticas mais importantes do terceiro mundo*” (1975: 154, grifo do autor).

O problema e a possibilidade do *a priori* será o fio de Ariadne que delimitará o horizonte no qual o TLP seria posteriormente constituído. A resposta, contudo, não poderia ser encontrada na tradição empirista, como igualmente na linha do idealismo ingênuo, mas na esteira do idealismo kantiano via Frege. Mais específico, a resposta possível somente poderia emergir da “posição de onde se interroga estes problemas” que, em última instância, “repousam numa má compreensão da lógica da nossa linguagem”. Quanto à postura de Kant com relação ao conhecimento, é sobejamente conhecida: o filósofo de Königsberg “não se pergunta que é o qual é a realidade, que são as coisas, que é o mundo. Se pergunta, pelo contrário, como é possível o conhecimento da realidade, das coisas, do mundo” (Ortega y Gasset, 1958: 7).

É do *como* é possível o conhecimento a priori que o TLP irá se ocupar: da ordem a priori *no* mundo. Será por intermédio dessa possibilidade que emergiu a questão do *pensamento* enquanto *proposição* e desta à “linguistic turn” que dominou o cenário filosófico do século XX.

No *Prólogo* ao TLP, Wittgenstein afirma que seu livro “desenhará a linha da fronteira do pensamento”, mais especificamente, “não do pensamento mas da expressão do pensamento” (27). Esta linha fronteira entre o pensamento e o não pensamento, somente “poderá ser desenhada na linguagem” (28).

De acordo com o austríaco, o “pensamento contém a possibilidade da situação que ele pensa”. Logo, o “que é pensável, é também possível” (3.02).

- No aforismo 3 do TLP, Wittgenstein afirma que o pensamento é a “afiguração [Bild] lógica dos fatos”, e que a “totalidade dos pensamentos verdadeiros é uma afiguração [Bild]⁷ do mundo.
- No aforismo 4 da mesma obra é afirmado que o “pensamento é a proposição com sentido”.

Destas duas observações de Wittgenstein, pode-se, com plausibilidade, afirmar uma espécie de isomorfismo entre pensamento e proposição, e desta com o mundo, uma vez que é por meio da proposição que “o pensamento exprime-se de modo perceptível

⁷ Aqui não sigo a tradução de Lourenço, “imagem”, pois uma imagem pode se referir ao conceito de figuração passiva, uma espécie de realismo ingênuo. Uma postura de alguém que se posta diante de uma “natureza morta” a fim de ‘transportá-la’ para um quadro. Sob esse viés, uma proposição não seria possível, pois apenas descreveria um fato. Em Wittgenstein, a postura é inversa: uma proposição afigura um mundo possível. Pela proposição um fato é construído como um fato possível; em outras palavras, a priori.

aos sentidos” (3.1).

III - PROPOSIÇÃO

Dentre as anotações dos *Tagbücher* há em particular uma que nos interessa aqui, datada em 20 de dezembro de 1914. Nela Wittgenstein elabora a seguinte pergunta:

“[...] se eu fosse inventar a linguagem com o propósito de me entender com um outro, quais seriam as regras sobre as quais eu deveria entrar em acordo com ele quanto à nossa expressão?” (1969: 37)

Na pergunta há uma pressuposição intuída: existiria um elemento primário, uma regra que permeia e permite a linguagem intersubjetiva? Se existir, *como* esse elemento poderia ser expresso? A teoria da proposição no TLP é uma tentativa de responder a esse *como* implicado na pergunta de Wittgenstein.

No TLP há uma teoria da afiguração do mundo como possibilidade expressa numa proposição. No entanto, sob o aspecto didático, seria bom estabelecermos uma linha que possa nos ajudar a compreender o que é uma proposição.

De acordo com Bertrand Russell em sua obra *Introduction to mathematical philosophy*, devemos distinguir “proposition” de “propositional function”. Observe a seguinte sentença:

- “ x é y ”

Russell afirma que a referida sentença é uma *função proposicional*, pois “enquanto x permanecer indeterminado, não é nem falsa ou verdadeira proposição”. No entanto, prossegue Russell, quando um “valor é atribuído a x , torna-se uma proposição verdadeira ou falsa” (1993: 156).

Para averiguarmos a afirmação de Russell, iremos substituir o “ x ” da sentença pelo substantivo masculino “elefante”, e o “ y ” pelo adjetivo “humano”. De acordo com Russell, essa atribuição de valor a “ x ”, no caso também de “ y ”, resulta numa proposição:

- “*elefante é humano*”

Observe que a proposição expressa algo acerca do mundo, afirma algo no mundo. Neste caso em particular, poderíamos dizer que a proposição “elefante é humano” tem uma significação, embora não um *sentido*, nada denota; portanto, sob os critérios de Russell, é falsa.

Por conseguinte, poderíamos dizer que uma proposição é uma sentença declarativa passiva de ser verdadeira ou falsa, ela exprime um *Sinn*, um *sentido*, ao modo fregeano; e exprime um valor de verdade, ao modo de Russell. É neste sentido que Wittgenstein defende a tese de que o “resultado da Filosofia não é ‘proposições filosóficas’, mas o esclarecimento de proposições”, ou seja, “a clarificação lógica dos pensamentos” (4.112), dado que “Tudo o que pode ser pensado, pode ser pensado com clareza. Tudo o que se pode exprimir, pode-se exprimir com clareza” (4.116).

Outro fator deve ser levado em consideração na leitura do TLP: uma proposição não é uma descrição do mundo, uma fotografia ao modo realista, mas exprime uma representação de possibilidade de um mundo possível, uma afiguração de um estado de coisas possíveis, uma afiguração cuja “concordância ou não-concordância do seu sentido com a realidade, constitui a sua verdade ou falsidade” (2.222).

Utilizando uma linguagem futebolística, observe o seguinte exemplo:

- “*x irá desclassificar y da Copa Libertadores da América, em 2010*”.

Neste exemplo temos uma função proposicional, pois embora eu exponha um argumento sob a forma lógica geral de uma proposição, não delimito um *sentido* para x ou y. Por esse motivo a função proposicional em questão não pode ser firmada ou infirmada, pois lhe falta referência – ou denotação, ou extensionalidade: ela não diz nada do mundo, porquanto não determinou um mundo possível. No entanto, quando *a priori* delimito o valor do x e do y da função proposicional, esta passa a expressar um valor de verdade:

- “O Sport Club Internacional irá desclassificar o São Paulo Futebol Clube da Copa Libertadores da América, em 2010”.

Observe que estou projetando um mundo possível, pois estou afigurando um estado de coisas por meio de uma proposição. Se esta for corroborada, será verdadeira – o que foi o caso em 2010. Obviamente que um *são paulino* não iria, *a priori*, concordar com a proposição de um *colorado*; poderia argumentar que ela não está correta, que nela há alguma coisa errada, mas nada pode fazer se o estado de coisas, o *Sinn*, o sentido, afirmado na proposição for verdadeiro. Efetivamente o *São Paulo Futebol Clube* foi desclassificado pelo *Sport Club Internacional* em 2010: a proposição é verdadeira – mesmo que o confrade *são paulino* olhe o *colorado* com intenção homicida. É sob esse prisma que podemos compreender uma proposição, pois “compreender uma proposição é saber o que é o caso, se ela for verdadeira”, não obstante um *são paulino* ser capaz de “compreendê-la sem saber se ela é verdadeira” (4.024), uma vez que está “na essência da proposição [Wesen des Satzes], comunicarmos um novo sentido [*neuen Sinn*]” (4.027).

Logo, pode-se corroborar a hipótese de Wittgenstein sustentada no TLP:

“A verdade ou falsidade de cada proposição muda de fato alguma coisa na construção geral do mundo. E o âmbito que é permitido à sua construção pela totalidade das proposições elementares, é exatamente aquele que as proposições inteiramente gerais delimitam” (5.5262).

IV - MUNDO

O conceito de *mundo* na ótica do TLP não significa ‘descrição’ do mundo fático, contingente, das coisas em si, mas conforma o conjunto da “totalidade dos fatos, não das coisas” (1.1); totalidade dos fatos que podem ser afigurados por proposições verdadeiras, que em última instância delimitam o que pode ou não ser dito. Uma proposição “é um modelo da realidade tal como a pensamos” (4.01). Não por outro motivo Wittgenstein afirma que “*Os limites da minha linguagem significa os limites do*

meu mundo” (5.6). Em consequência, podemos dizer que linguagem e mundo estão sustentados por uma forma lógica comum pela qual podemos analisar como o estado de coisas está organizado e como esta ordem estabelece os fatos. Sob outro prisma: pela análise da linguagem poderíamos compreender o mundo, uma vez que este “decompõe-se em fatos” (1.2).

Logo, o *mundo* do TLP não se configura por um espelhamento da realidade fática, mas é uma construção lógica, uma forma lógica na qual é possível o *estado de coisas* [Sachverhalten] que não são coisas em si mesmas. Sob esse aspecto, mundo é um conceito metafísico, pois não é um dado, um objeto, um existente enquanto coisa-em-si, mas uma afiguração de estado de coisas construída independentemente de uma situação. O *sentido*, *Sinn*, do mundo é expressado por meio da proposição. Entender o mundo significa entender a forma lógica que sustenta uma proposição. Por conseguinte, compreender uma proposição “é saber o que é o caso, se ela for verdadeira” (4.024).

Como a *forma lógica do mundo* é a “substância do mundo [Substanz der Welt]” (2.021) é, por isso mesmo, lógica. E o que é lógico “não pode ser apenas possível”, pois a lógica “trata de cada possibilidade e todas as possibilidades são os seus fatos” (2.0121). O necessário é o estofado da substância do mundo. Compreender o mundo significa compreender a essência da proposição que é, também, a essência do mundo (cf., 5.4711).

Referências bibliográficas

FREGE, Gotlob. *Investigações lógicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *Ensayos de semântica y filosofía de la lógica*. Madrid: Tecnos, 1988.

_____. *Posthumous Writings*. Oxford: Basil Blackwell, 1977.

ORTEGA Y GASSET, José. *Kant, Hegel, Dilthey*. Barcelona: Revista de Occidente, 1958.

POPPER, Karl. *Em busca de um mundo melhor*. Lisboa: Fragmentos, 1988.

_____. *Conhecimento objetivo*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975.

RUSSELL, Bertrand. *Introduction to mathematical philosophy*. New York: Dover, 1993.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico/Investigações Filosóficas*. Trad. Manuel António dos Santos Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

_____. *Tagbücher/Notebooks 1914 - 1916*. New York: Harper & Row, 1969.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. London: Routledge & Kegan Paul, 1963.

SPINELLI, Miguel. *Sobre a autodidaxia e a autárquia de Epicuro*. *Revista Archai*, Brasília, n. 02, pp. 169–182, Jan 2009.

Artigo recebido em setembro de 2010

Artigo aceito para publicação em dezembro de 2010